

IMPACTOS DO TEATRO NA ESCOLA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE REGISTROS DOS OFICINANDOS

**CLÁUDIA LEMES GIGANTE¹; NAYLSON COSTA RODRIGUES, PATRICIA
CASTRO CARDONA²; VANESSA CALDEIRA LEITE³**

¹*Universidade Federal de Pelotas – claudialgigante@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – naayrodrigues15@gmail.com; paticastroca@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – leite.vanessa@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este texto é uma análise dos protocolos de oficinas, realizados na Escola Municipal Getúlio Vargas, no município de Pedro Osório-RS, pelo projeto de extensão Vivências Teatrais em Escolas, vinculado ao Curso de Teatro-Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas. O projeto tem adentrado os muros da escola semanalmente às quintas-feiras e tem recebido no contraturno crianças e adolescentes entre 11 e 16 anos, do 5º ao 9º ano do ensino fundamental II.

Com o foco de oferecer aos participantes experiências com o teatro dentro do ambiente escolar, sem o objetivo de montar um produto final – espetáculo – mas sim, vivenciar o processo teatral de forma livre; ele está ativo desde maio de 2017, sendo coordenado pela professora Dra. Vanessa Caldeira Leite e contando com, geralmente, três oficineiros acadêmicos do curso de licenciatura em Teatro da UFPel, sendo eles atualmente, Cláudia Lemes Gigante, Naylson Costa e Patricia Cardona, atual bolsista.

As oficinas são pensadas e elaboradas a partir de metodologias do ensino em teatro, tais como: Viola Spolin (2005), Boal (2004), Olga Reverbel (1989) que permitem aos oficinандos vivenciar e entender a linguagem teatral através do jogo e da brincadeira. Ao final de cada encontro, um oficinando fica responsável pela elaboração do protocolo com suas impressões a respeito do que vivenciou. “O protocolo, não precisa ser denominado exclusivamente de protocolo” (JAPIASSU, 2001, p. 74), neste caso o grupo denomina por diário artístico. Segundo o autor:

Os protocolos são as coisas que o aluno quer dizer sobre o que vivenciou nas aulas de teatro. Eles se referem sempre à última sessão de trabalho e costumam ser apresentados quando tem início um novo encontro, durante o círculo de discussão inicial. (JAPIASSU, 2001, p. 74).

O que pretende-se, neste panorama é retratar o impacto dessas oficinas na vida dos alunos participantes do projeto, através de uma análise do “diário de bordo coletivo”, que nada mais é do que um caderno sem pautas, onde as páginas são preenchidas pelos oficinандos de forma livre, espontânea e artística. Este diário de bordo se torna um *feedback* para os oficineiros, proporcionando a oportunidade de registrar os resultados, anseios e expectativas de cada atividade.

2. METODOLOGIA

O diário artístico é um espaço – caderno sem pautas - onde os oficinados são convidados a partilhar anseios e expectativas pessoais e coletivas acerca das oficinas de teatro na escola. Segundo Gonçalves (2013):

Ao disponibilizar seus corpos para a aprendizagem em arte, os alunos de teatro acabam não fazendo anotações em seus cadernos, cópias do quadro-negro, colagens e tarefas, como na maioria das disciplinas que integram as práticas escolarizadas. Os protocolos constituem-se, desse modo, uma metodologia utilizada pelo professor para que os alunos possam se manifestar por meio de materialidades discursivas sobre suas aulas. (GONÇALVES, 2013, p.108).

Ou seja, a ideia do diário é que os oficinados sintam-se livres a expressar não só como se sentem diante da proposta do projeto, nessa “escrita do protocolo encontra-se a descrição dos jogos e as descobertas feitas na avaliação da vivência sensório-corporal experimentada” (BOY, 2013, p. 66) e o que foi compreendido até o momento nos encontros e quais são as expectativas geradas pelo projeto, tudo isso de maneira livre.

A importância do diário artístico se dá por ser um meio de comunicação entre os oficinados e os oficineiros que ocorre de outra forma que não a instantânea, podendo-se pensar e criar antes de colocar em prática seu depoimento. O diário artístico é, ainda, a solução encontrada para ouvir àqueles que em outros momentos não se sentem confortáveis a expressar-se por meio da fala, no momento do círculo de discussão .

Ao introduzir o diário artístico nas oficinas, assumimos que as duas partes envolvidas – oficinados e oficineiros – têm importância e devem ter suas opiniões levadas em consideração para que aconteça um processo harmonioso e, assim, criar um ambiente acolhedor e respeitoso. Além de mantermos um diário a título de ter um registro físico, com os relatos acerca dos trabalhos produzidos pelos oficineiros do projeto, podendo assim, visualizar a partir dele os métodos pedagógicos e analisá-los de outro ponto de vista, entendendo o processo pela lente dos oficinados e podendo desta forma adequar-se às diferentes situações relatadas pelos mesmos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos relatos analisados, é detectado uma progressão do entendimento dos oficinados sobre o que é o teatro e para que ele serve. Muitos deles contam que antes do projeto Vivências Teatrais em Escolas relacionavam teatro a novelas, peças ou o decorar de falas, e, atualmente, relacionam teatro a compromisso e respeito. Perdeu-se aquela ideia de que o teatro é apenas o espetáculo e, atualmente, os oficinados valorizam o processo teatral como um todo e entendem que cada parte desse processo importa igualmente.

Podemos perceber, também, que agora os oficinados enxergam a profissão artística de forma séria e alguns deles até consideram seguir carreiras artísticas. Apesar de a proposta do diário artístico ser totalmente livre, surgiu nele um modelo de relato com início, meio e fim, formado espontaneamente pelos oficinados e seguido por boa parte dos mesmos. Muitas vezes o registro começou com a identificação de quem está escrevendo e seguiu-se com relatos de experiências e expectativas. Para alguns também serviu como espaço de autoavaliação onde relataram-se faltas às oficinas e falta de comprometimento com exercícios



propostos, o que nos dá a entender que os oficinados, agora, compreendem o teatro como um compromisso. Ainda muitos finalizam seu relato com um desenho.

Os oficinados percebem o diário como artístico – de onde surgiu o nome – e os desenhos são o modo deles se expressarem artisticamente nesse registo em papel sem pautas. Relacionamos os desenhos analisados aos meios em que os oficinados vivem e às experiências vividas nesses lugares através da perspectiva do teatro.

Os oficinados, por meio do projeto, aprenderam a apropriar-se dos espaços através do teatro e da escola, e muitos relatam no diário artístico o prazer que é estar nesses diversos espaços fazendo teatro. Demonstram forte interesse e entusiasmo para desenvolver as atividades teatrais, e destacam o processo realizado ao ar livre, aulas na rua, na praça e no campings da cidade, como espaço de criação.

4. CONCLUSÕES

Ativo desde maio de 2017, o projeto vivências teatrais tem adentrado os muros da Escola Municipal Getúlio Vargas e construído uma ponte entre a universidade e a escola, expandindo os horizontes, as capacidades de criação, sensibilização e imaginação, possibilitando que a extensão seja uma experiência de troca entre os alunos da rede básica de ensino e os alunos graduandos da UFPel.

Os protocolos ou registros das aulas chamados de diário artístico, sendo um recurso que deu certo, seguirá no planejamento das oficinas, por trazer uma ampla avaliação do projeto, podendo-se identificar as transformações e os atravessamentos causados pelas oficinas. Esses registros das aulas são um espaço de criação alternativa, que enriquece a autoavaliação dos oficinados e auxilia na avaliação do projeto, transformando-se em uma ferramenta que aponta os resultados positivos que justificam a continuidade do projeto, juntamente com a sua importância para a escola e a comunidade no entorno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 2012.
- BOY, T.C.S. **Protocolo: um gênero discursivo na pedagogia de leitura e escrita do teatro**. 2013. Tese (Doutorado em Artes cênicas) – Curso de Pós-graduação em Artes cênicas Escola de comunicação e artes da Universidade de São Paulo.
- GONCALVES, J. C. **Protocolos teatrais verbo-visuais: produção de sentidos para a prática teatral universitária**. Bakhtiniana, São Paulo, v:8 n: 2 p. 106-123, Jul/Dez. 2013
- JAPIASSU, R.O.V. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas-SP: Papirus, 2001. - (Coleção Ágere)
- REVERBEL, O. **Jogos teatrais na escola**. São Paulo-SP: Scipione, 2011.
- SPOLIN, V. **Jogos teatrais na sala de aula**. São Paulo-SP: Perspectiva, 2017.